

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
CURSO DE FONOAUDIOLOGIA  
TRABALHO DE MONOGRAFIA II

SOFIA HEIN MACHADO

**DISTÚRBIOS ESPECÍFICOS DE LINGUAGEM EM LÍNGUAS DE SINAIS**

Porto Alegre

2020

SOFIA HEIN MACHADO

**DISTÚRBIOS ESPECÍFICOS DE LINGUAGEM EM LÍNGUAS DE SINAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de bacharel em Fonoaudiologia.

Orientadora: Profa. Dra. Luiza Ely Milano

Porto Alegre

2021

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe Sibebe, que me propiciou todo o conforto e amor durante todos os anos de graduação.

À minha orientadora Luiza Milano, por ter iniciado e finalizado esse processo comigo, sendo uma grande incentivadora.

À minha orientadora de pesquisa e parceira Alessandra Vieira, pela oportunidade de aprender.

Ao coletivo CEPAC UFRGS que me acolheu no final da graduação.

*-Quem estará nas trincheiras ao teu lado?*

*-E isso importa?*

*-Mais do que a própria guerra.*

***Ernest Hemingway***

## RESUMO

Distúrbios específicos de linguagem (DEL) são comumente associados a línguas orais, principalmente nos estudos brasileiros, por conta do critério de diagnóstico que exclui crianças com perda auditiva; este trabalho, portanto, tem como principal foco trazer informações a respeito dos distúrbios específicos de linguagem em línguas de sinais, bem como apontar como podem ser encontrados e quais suas características. Para isso, é necessário primeiramente discorrer a respeito de conceitos básicos porém importantes para abordar o assunto.

As concepções do que é língua e o que é linguagem, as diferenças e semelhanças que existem entre as línguas auditivo-orais e visuoespaciais, e os conceitos de fala oral e fala sinalizada são os tópicos que norteiam o início do trabalho. Isso é feito considerando, principalmente, a perspectiva linguística que parte de Ferdinand de Saussure (1970/2012).

Após essas reflexões, são trazidas algumas informações a respeito da aquisição da linguagem, focado na aquisição das línguas de sinais por crianças surdas. Faz-se necessário também abordar o assunto que trata dos efeitos da aquisição tardia, para que se estabeleça a diferença entre atraso linguístico por falta de *input* em uma língua e distúrbio. A partir da bibliografia levantada, constatou-se que os distúrbios específicos de linguagem podem ser encontrados em línguas de sinais e a sua prevalência pode ser igual ou até mesmo maior do que na população ouvinte. Tanto a compreensão quanto a produção podem ser afetadas, e o nível fonológico é o que mais aparenta apresentar prejuízos.

Ao final do trabalho, são levantadas reflexões sobre a clínica fonoaudiológica e a importância do olhar singular para o sujeito surdo com DEL.

## **ABSTRACT**

In Brazilian studies, Specific Language Impairments (SLI) are commonly associated with oral languages due to the diagnostic criterion that excludes children with hearing loss. This work focuses on bringing information about Specific Language Impairments in sign languages, in what ways they can be found and what are their characteristics. For this, it is necessary to first address basic but important concepts to approach the subject.

Within this thesis details the concept of language, differences and similarities existing between auditory-oral and visuospatial languages and the concepts of oral speech and signed speech that will guide the beginning of this work. This is done considering, mainly, the linguistic perspective that comes from Ferdinand de Saussure (1970/2012).

After these reflections, some information regarding language acquisition is presented in which will be focused on the acquisition of sign languages by deaf children. It is also necessary to address the issues dealt with the effects of late acquisition, in order to establish the differences between linguistic delay due to lack of input into a language and impairment. From the analyzed bibliography, Specific Language Impairments can be found in sign languages and their prevalence can be equal or even higher than in the hearing population. Both comprehension and production forms can be affected, and the phonological level is the one of which appears to have the largest negative impacts.

At the end of the work, reflections on the Speech Therapy clinic and the importance of the singular look for the deaf subject with SLI are raised.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>1. DESENVOLVIMENTO</b> .....	9
1.1 LINGUAGEM X LÍNGUA .....	9
1.2 LÍNGUAS ORAIS X LÍNGUAS VISUOESPACIAIS e FALA ORAL X FALA SINALIZADA .....	10
1.3 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS SURDAS.....	13
1.3.1. Efeitos de aquisição tardia em crianças surdas.....	14
1.3.2. Distúrbios específicos de linguagem em língua de sinais.....	16
1.4 REPERCUSSÕES CLÍNICAS.....	20
<b>CONCLUSÃO</b> .....	25
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	27

## INTRODUÇÃO

A Fonoaudiologia é uma ciência que se preocupa em abordar a linguagem e a comunicação humana nas suas mais diversas manifestações; ela engloba múltiplos cenários de atuação, e os profissionais fonoaudiólogos, por sua vez, costumam se fazer presentes nos âmbitos que exploram, principalmente, a comunicação oral. Sendo a comunicação, porém, o “ato que envolve a transmissão e a recepção de mensagens entre o transmissor e o receptor, através da linguagem oral, escrita ou gestual, por meio de sistemas convencionados de signos e símbolos” (COMUNICAÇÃO, 2015), podemos afirmar que onde há uma ideia sendo transmitida e compreendida, há comunicação, não sendo esta restrita ao campo da modalidade oral. Se a comunicação e a linguagem vão além da oralidade, a Fonoaudiologia precisa acompanhar esse fenômeno na sua mais ampla caracterização.

A ideia do presente trabalho surgiu, principalmente, através de dois motivos: o primeiro acabou sendo pela sensação de insuficiência que paira ao pensar no conteúdo teórico e prático do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; esses futuros profissionais são preparados para atuar clinicamente em desvios e atrasos de linguagem, porém, na grande maioria das vezes, isso acaba ficando restrito a uma modalidade de língua, deixando uma espécie de lacuna a ser preenchida. Essa falha na formação acaba por, muitas vezes, tornar os profissionais limitados, não podendo explorar amplamente aquilo que deveria haver de mais familiar a eles; o assunto “língua” é abordado constantemente durante todo o processo de graduação, mas, muitas vezes, são deixadas de lado suas diferentes materialidades e composições.

Além disso, adentrando em um âmbito ainda mais pessoal, a experiência individual como deficiente auditiva e usuária da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como segunda língua me levou a, durante toda a minha graduação, estar sempre tentando incluir essa forma de comunicação em todas as minhas reflexões como estudante de Fonoaudiologia. Desde que descobri o universo das línguas de sinais, em 2011, quando precisei encontrar uma alternativa de comunicação que me ajudasse em

sua totalidade - os aparelhos auditivos às vezes me deixavam “na mão” - passei a entender o impacto benéfico que essa língua pode ter na vida daqueles que não possuem suas audiometrias consideradas “dentro dos padrões de normalidade”. A partir daí, não só eu, como pais, irmã (também deficiente auditiva) e amigos próximos acabaram por entender o lugar da língua de sinais na minha vida e se dispuseram a aprender também. Todos esses acontecimentos estão influenciando profundamente o processo único de transformação de aluna em fonoaudióloga.

Partindo, porém, de um viés mais objetivo, o incentivo do presente trabalho também se deu através de experiências com pesquisas na área de língua de sinais durante a graduação, além de um contato direto com a comunidade surda e suas vivências. A cooperação em um grupo de estudos intitulado “NEALLS - Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem e Língua de Sinais” e o desenvolvimento de pesquisas e monitoria acadêmica na área de linguagem infantil, focados em crianças surdas, também inspiraram a proposta do presente trabalho. Ao realizar coletas de dados e gravações em uma escola bilíngue na região metropolitana de Porto Alegre, tive um contato direto tanto com crianças surdas filhas de pais ouvintes como com crianças surdas filhas de pais surdos, o que me levou a questionamentos profundos sobre o funcionamento da língua de sinais em diferentes contextos.

O principal objetivo aqui abordado será, portanto, a noção dos distúrbios específicos de linguagem<sup>1</sup> em crianças surdas e suas possíveis implicações para a clínica fonoaudiológica. De uma maneira geral, serão ressaltadas as concepções e diferenças de língua e linguagem, bem como de fala oral e fala sinalizada, para então adentrarmos às questões referentes à aquisição da linguagem, efeitos da aquisição tardia e desvios específicos de linguagem que podemos encontrar em diferentes contextos no âmbito das língua de sinais.

A partir de um levantamento bibliográfico da literatura, principalmente estrangeira, visto ser um assunto ainda não muito explorado no Brasil, o trabalho visa sintetizar as informações encontradas sobre a temática, assim contribuindo para que o profissional fonoaudiólogo possa estar preparado para atuar na clínica de linguagem de uma forma mais ampla e inclusiva.

---

<sup>1</sup> Distúrbio específico de linguagem (DEL) é a nomenclatura utilizada pela Fonoaudiologia para caracterizar um quadro específico de transtorno de linguagem sem outras causas associadas.

Oliver Sacks, famoso neurologista e escritor britânico, disse, em sua obra “Vendo Vozes” (2010, p.9): “É fácil aceitar como natural a língua, a nossa própria língua - talvez seja preciso encontrarmos outra língua, ou melhor dizendo, outro *modo* de linguagem, para nos surpreender, nos maravilhar novamente”.

## 1 DESENVOLVIMENTO

Para dar seguimento ao trabalho, a fundamentação teórica da pesquisa será apresentada nas próximas seções. Esta foi embasada em artigos científicos, principalmente do Brasil, dos Estados Unidos e do Reino Unido<sup>2</sup>.

### 1.1 LINGUAGEM X LÍNGUA

Considerando que a língua é a principal ferramenta que os seres humanos utilizam para a comunicação, é imprescindível fazer considerações a seu respeito. Utilizaremos, aqui, principalmente, as reflexões e os conceitos levantados por Ferdinand de Saussure na sua conhecida obra intitulada “Curso de Linguística Geral”. Partindo do seu ponto de vista:

*Mas o que é língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica. (SAUSSURE, 2012, p. 41).*

Saussure não só define a língua como *um produto social da faculdade de linguagem*, como também a menciona como “um sistema de signos, um conjunto de unidades, ocorrendo uma relação entre significante (imagem acústica) e significado (conceito)” (SAUSSURE, 2012, p. 41). A língua é, segundo ele, “a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que por si só não pode criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade.” (SAUSSURE, 2012, p. 41). Assim, a língua também acaba se tornando um instrumento valioso para a cultura de uma comunidade, pois faz parte da identidade de cada ser humano.

---

<sup>2</sup> Para compor a amostra do trabalho foram utilizados artigos científicos, monografias, dissertações e livros físicos, e levantamento bibliográfico em plataformas como ResearchGate, Scielo, Lume UFRGS. As palavras-chave utilizadas foram: distúrbio específico de linguagem, *specific language impairment*, *deaf children*, crianças surdas, atraso de linguagem.

Na vida dos indivíduos e das sociedades, segundo Saussure, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro. Ela possui um lado individual e um lado social, sendo “impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 2012, p. 40); ele diz que a linguagem, dada sua natureza heterogênea, não é classificável entre os fatos humanos e que ela implica, ao mesmo tempo, em um sistema estabelecido e uma evolução. Não se pode falar de linguagem sem levar em conta as modificações que esta pode sofrer ao longo do tempo, dado o constante uso da língua em diferentes períodos da história.

Além disso, já é sabido que não se pode reduzir a língua ao som; a obra até mesmo menciona “todas as formas de expressão” (SAUSSURE, 2012, p. 37), abrindo, assim, a possibilidade de analisar as mais variadas formas de manifestação da linguagem.

O autor coloca que “a questão do aparelho vocal se revela, pois, secundária no problema da linguagem” e ainda “tudo isso nos leva a crer que, acima desses diversos órgãos, existe uma faculdade mais geral, a que comanda os signos e que seria a faculdade linguística por excelência” (SAUSSURE, 2012, p.42); com essas declarações, ele nos permite afirmar que o meio pelo qual o sistema de língua se manifesta não influencia na definição do que é língua e linguagem, visto que este conceito vai muito além da língua oral, mesmo que essa ainda seja a mais comumente utilizada.

## 1.2 LÍNGUAS ORAIS X LÍNGUAS VISUOESPACIAIS E FALA ORAL X FALA SINALIZADA

Sendo a língua, portanto, o meio pelo qual um grupo social expressa suas ideias, faz-se necessário englobarmos suas diferentes materialidades, para que assim nenhum grupo social fique excluído das repercussões mobilizadas por este conceito. Saussure (2012, p. 50) afirmou que podemos “comparar a língua a uma sinfonia, cuja realidade independe da maneira pela qual é executada”. Assim sendo, a língua pode se manifestar através de diferentes meios, sendo, principalmente, através do meio oral, com o que chamamos de fala oral, e através do meio manual, caracterizando a fala sinalizada. No entanto, as línguas auditivo-orais e as línguas

visuoespaciais apresentam algumas similaridades e diferenças entre si.

Como semelhanças, é importante destacar, essencialmente, que línguas são línguas independente de sua modalidade; isto é, possuem uma estrutura própria, com suas regras gramaticais e seu sistema completo. Línguas de sinais, assim como línguas orais, são línguas naturais, e isso é comprovado também quando olhamos para as características da aquisição da linguagem nas duas modalidades de língua que se dão de forma muito similar (ver próximo tópico). Estudos recentes (QUINTO-POZOS, 2014) afirmam que sintomas de desvios na aquisição da linguagem em ambas modalidades podem ter origem no atraso de linguagem, na dificuldade de processamento ou em problemas relacionados à linguagem e memória, ressaltando, mais uma vez, as grandes relações entre as duas.

Porém, línguas orais e línguas sinalizadas também se diferem em muitos aspectos, visto que são modalidades distintas. Enquanto uma utiliza-se do meio auditivo para receber a informação, a outra faz o uso do meio visual, influenciando, assim, muitos outros fatores que caracterizam a individualidade de cada modalidade de língua. Como já mencionado anteriormente, cada língua possui suas particularidades e as diferenças no vocabulário e nas estruturas gramaticais podem ser percebidas quando comparamos línguas orais com línguas de sinais. Os articuladores também mudam: enquanto em LS utilizamos, principalmente, mãos, cabeça e aspectos faciais e corporais para expressar a informação, em línguas orais utilizamos a língua, lábios, glote, entre outros componentes do aparato vocal.

A fonética e a fonologia das duas línguas também diferem entre si, e Hulst e Kooji (1998, p.1) citam que “não seria sensato estudar a fonologia das línguas de sinais sem considerar pelo menos um século de pesquisas já realizadas sobre fonologia das línguas faladas, mas isso não significa que devemos seguir os mesmos passos para analisar as línguas de sinais”. Podemos (e, de certa forma, devemos) entrelaçá-las ou compará-las durante o caminho, porém sem esquecer de atentar para suas diferenças e individualidades. Sacks (2016, p. 80) afirma que em alguns estudos sobre língua de sinais ela finalmente é considerada comparável à fala em termos de fonologia, aspectos temporais, fluxos e sequências; porém, não deixando de possuir suas faculdades únicas, adicionais, “de um tipo espacial e cinemático - uma expressão e transformação do pensamento ao mesmo tempo muito complexa

e, no entanto, transparente”. Enquanto a fonética das línguas orais se preocupa em estudar tais articuladores da fala como língua, laringe, etc, e os aspectos mais gerais da produção da fala (SEARA *et. al*, 2011), a fonética das línguas de sinais vai se encarregar das unidades de produção e percepção de articuladores manuais e não manuais manifestadas na expressão física (QUADROS, 2019). Daí também surge a importância de diferenciarmos as características da produção (manifestação) e da recepção de ambas as línguas; enquanto as línguas de sinais se manifestam manualmente e são recebidas de forma visual, línguas orais se manifestam oralmente e têm o sistema auditivo como receptor.

Sobre a fonologia, Quadros (2019) fala a respeito das analogias que podemos identificar entre as línguas faladas e as línguas de sinais, visto que se trata de uma análise da representação mental dessas formas. Stokoe (1960) foi pioneiro nos estudos da fonologia das línguas de sinais, identificando como fonemas as unidades de *configuração de mão, localização e movimento*. Mesmo com as alterações que as diferentes modalidades podem causar, as línguas de sinais, igualmente às línguas orais, possuem, além do nível fonológico, organização própria de seus níveis morfológico, sintático, semântico e pragmático. Há também o chamado *fingerspelling*, em Português conhecido como datilologia ou soletração manual, que serve como apoio para soletrar as palavras quando necessário.

Oliver Sacks, em seu livro “Vendo Vozes”, afirma que “a língua de sinais equipara-se à língua falada, prestando-se igualmente ao rigoroso e ao poético - à análise filosófica e ao namoro, e, na verdade, com uma facilidade que às vezes é maior do que a da língua falada.” (2010, p.30). Com efeito, algumas pessoas, mesmo ouvintes, acabam preferindo a língua de sinais à língua oral quando esta é adquirida como primeira língua (como filhos ouvintes de pais surdos, as chamadas CODAS - *Children of Deaf Adults*).

Já estabelecido o conceito de língua como sistema, bem como as principais diferenças e semelhanças entre línguas orais e línguas sinalizadas, partimos para a concepção de fala. Dessa forma, questiono: se eu posso afirmar que falo Português, que falo Inglês, faz sentido também dizer que *falo Libras*?

Saussure define fala como “um ato individual de vontade e inteligência”, e, continua,

dizendo que neste ato “distinguem-se as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir o seu pensamento pessoal, e o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações” (SAUSSURE, 2012, p.45). A fala, nesse sentido, é considerada a realização da língua, seja ela visuoespacial ou auditiva-oral; portanto, é possível dizer que eu *falo Libras* (FRYDRYCH, 2013).

### 1.3 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS SURDAS

A maior parte dos trabalhos do campo da Fonoaudiologia a respeito do processo de aquisição da linguagem traz uma perspectiva predominantemente oral; porém, sabemos que “as línguas de sinais podem fornecer novas perspectivas teóricas sobre as línguas humanas, sobre os determinantes da linguagem e o processo de aquisição e desenvolvimento de uma língua que apresenta certas particularidades em relação às línguas orais” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 37); ou seja, ao estudarmos a aquisição da linguagem também em uma perspectiva visuoespacial, essa área de pesquisa é beneficiada como um todo.

Vários estudos, como o de Petitto (2000), discutem sobre o processo de aquisição da língua de sinais desde o balbucio - em línguas de sinais, este se dá com gestos que são diferentes dos sinais produzidos posteriormente, intitulado balbucio manual - até a “completa” aquisição da língua. Já é sabido que crianças surdas e ouvintes possuem o desenvolvimento da linguagem de forma semelhante, alcançando os mesmos estágios em idades similares, se forem expostas às mesmas condições de *input* linguístico. No Brasil, os estudos sobre aquisição da língua de sinais por crianças surdas tiveram início com os trabalhos de Karnopp (1994) e Quadros (1995), que desde então já começaram a indicar que crianças surdas filhas de pais surdos adquirem os padrões e as regras gramaticais de sua língua de forma muito similar às crianças adquirindo línguas faladas. Segundo os estudos de Quadros (1997) a aquisição da linguagem de sinais na criança surda acontece em quatro estágios: o período pré-linguístico, estágio de uma palavra, estágio das primeiras combinações e estágio das múltiplas palavras.

Segundo Morgan *et.al.* (2007), nos contextos ideais, crianças surdas começam a balbuciar com as mãos por volta dos 6-12 meses e têm os primeiros sinais produzidos por volta dos 12 meses de vida, semelhantemente às crianças ouvintes com as línguas orais. À medida que o tempo passa, elas começam a combinar sinais (18-24 meses) e produzir os aspectos mais complexos da gramática das línguas de sinais, como localização e movimentos utilizados na forma padrão (adulta). Dos 5 aos 6 anos, crianças surdas já são capazes de selecionar as formas de mão apropriadas para diferentes classes de objetos e começam a distinguir os locais de início e fim de ações em verbos de movimento e local.

Só é possível que este processo de aquisição ocorra com êxito nas etapas corretas se a criança surda for exposta à língua de sinais desde o nascimento, o que infelizmente não acontece sempre. Sacks (2010, p.9) menciona uma fala do Abade de L'Epée, precursor da educação de crianças surdas e fundador do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, que disse que “a introdução da língua de sinais ‘abre as portas da inteligência pela primeira vez’ para as pessoas surdas.”

Por meio da língua é que podemos iniciar um indivíduo em todas as esferas, desde as mais objetivas, como nomes e definições, até as mais simbólicas e abstratas, como noções de passado e futuro e a capacidade de imaginar.

### 1.3.1 Efeitos de aquisição tardia em crianças surdas

Mais de 90% das crianças surdas nascem em lares em que somente a língua oral é a utilizada pelos seus pais e familiares ouvintes (MITCHELL e KARCHMER, 2004); essa informação evidencia a dificuldade de pesquisar sobre distúrbios específicos de linguagem em línguas de sinais, pois não seria estranho se essas crianças pudessem apresentar distúrbios por conta da privação de linguagem. Segundo Quinto-Pozos *et. al.* (2011), a tarefa de distinguir entre um distúrbio de comunicação na língua de sinais e os efeitos da exposição tardia a essa língua é um grande desafio.

Por muito tempo, quando vinha à tona a discussão sobre o *input* linguístico de crianças surdas, acreditava-se que era preciso fazer uma escolha: língua oral ou língua sinalizada. A falta de evidência científica levava a crer que a interferência da

língua de sinais na aquisição de uma língua oral por crianças surdas não era benéfica, e fazia com que os profissionais e responsáveis adotassem uma abordagem que utilizava apenas a língua oral (HUMPHRIES *et al.*, 2016). Hoje, já existem muitos estudos (GOLDIN-MEADOW e FELDMAN, 1977; TOMASZEWSKI, 2001) que comprovam que crianças surdas que não são expostas às línguas de sinais precocemente acabam tendo prejuízos na aquisição da linguagem, ocasionando o que chamamos de *efeitos de aquisição tardia* (MARQUES *et al.*, 2017). O acesso à língua de sinais acaba, muitas vezes, ficando restrito a ambientes mais específicos, como no contexto escolar ou em outro local onde a criança possa ter contato com outras crianças surdas. Esse *input* linguístico acaba, em sua grande maioria, não sendo suficiente para que ela desenvolva o processo de aquisição da linguagem considerado padrão. Ainda há os casos nos quais as crianças são expostas pela primeira vez à língua de sinais somente na idade escolar (por volta dos 6 anos) ou até mesmo mais tarde, na vida adulta (CRUZ, 2016). Estes são os casos mais comuns de aquisição tardia de uma língua em pessoas surdas.

Quando a surdez acontece antes de a criança aprender a falar e quando os pais são ouvintes, temos uma das situações mais complicadas (NADER e NOVAES-PINTO, 2011). A falta de aceitação, a resistência e o não conhecimento da língua de sinais pode acabar fazendo com que essa criança desenvolva um processo de aquisição tardio. Um estudo de caso (MARIANI *et al.*, 2016), onde uma criança surda, filha de pais ouvintes, chegou à clínica fonoaudiológica com atraso no desenvolvimento da linguagem, utilizando-se apenas de gestos caseiros para se comunicar, mostrou, nos seus resultados, a importância de instituir a “língua de sinais como primeira língua do sujeito surdo e a linguagem como organizadora de suas ações e de sua consciência” (p. 660). É considerável ressaltar que essa população também necessita de atendimento fonoaudiológico especializado.

Porém, quando a criança surda recebe o devido *input* linguístico para oportunizar o processo de aquisição da língua de sinais de uma forma “esperada”, e mesmo assim acaba tendo problemas na aquisição, podemos afirmar que este processo está ocorrendo com desvios ou alterações (CRUZ, 2016). Sinais atípicos entre crianças surdas com exposição precoce e rica à língua de sinais seriam evidências convincentes de distúrbios de comunicação na língua de sinais (QUINTO-POZOS *et*

*al.*, 2011). Um atraso de linguagem que resulta da exposição tardia à língua de sinais não é o mesmo que um distúrbio de linguagem, mesmo que os dois possam ser encontrados na mesma criança (MARSHALL e MORGAN, 2016).

### 1.3.2 Distúrbios específicos de linguagem em língua de sinais

Distúrbios de linguagem em línguas de sinais são comumente encontrados na literatura quando associados a crianças que possuem alguma síndrome, transtorno ou doença relacionada, como são os casos das crianças surdas dentro do Espectro Autista e crianças surdas com Síndrome de Down, por exemplo. Mas, se os distúrbios específicos de linguagem podem ser encontrados nas línguas orais, faz sentido também questionar se e como podemos encontrá-los em línguas de sinais, ou seja, os distúrbios de linguagem sem a presença de alguma causa neurológica, cognitiva, psíquica ou social associada.

Estudos como o de Menezes *et. al.* (2007) definem os distúrbios específicos de linguagem (DEL) como prejuízos na linguagem (atrasos ou alterações persistentes), na ausência de alguma outra causa que possa ocasionar tal fato. As crianças podem apresentar dificuldades na expressão ou na compreensão (BEFI-LOPES *et. al.*, 2008) e alguns autores, como Rapin e Allen (1988), apresentam algumas características das formas clínicas do DEL, como: transtorno de programação fonológica, déficit semântico-pragmático, déficit léxico-sintático, dispraxia verbal, entre outros.

Crianças surdas e as línguas de sinais, porém, não costumam ser encontradas incluídas nos estudos a respeito do DEL; a perda auditiva é especificamente excluída desse diagnóstico. Contudo, Leonard (1998) afirma que a incidência de DEL é a mesma em crianças surdas ou CODAS e na população em geral, significando uma probabilidade de 5 a 7% das crianças usuárias de línguas de sinais apresentarem distúrbios específicos de linguagem. Estudos mais recentes como o de Morgan (2005) sugerem inclusive que a incidência pode ser maior na população surda do que na população ouvinte, porque alguns fatores que causam surdez (prematuridade, complicações perinatal) também podem predispor crianças a desenvolverem DEL. Neste caso, falamos de crianças que foram suficientemente expostas ao *input* linguístico desde o nascimento, com contato direto com a língua

de sinais, sem sintomas de atraso de linguagem.

Imagem 1: Tabela com possíveis desafios para usuários de línguas de sinais.

**Table 1.2** Possible challenges for compromised signed language users

<i>Comprehension</i>	<i>Production</i>
<p>Possible difficulties in processing:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• multiple simultaneously realized morphemes</li><li>• (rapid) fingerspelling</li><li>• longer sentences or sequences of discrete items</li><li>• shifts in perspective for comprehending use of topographic and grammatical space</li></ul>	<p>Possible difficulties in production:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• multiple simultaneously realized morphemes (difficulty in planning for production)</li><li>• multiple characters in discourse (difficulty representing differences between signer, signer as narrator, and signer as other character)</li></ul> <p>Difficulty with motor control to produce:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• complex movements and challenging postures (depending on particular motor deficit)</li><li>• multiple coordinated movements that are timed with respect to each other (e.g. path and hand-internal movement combined), including bimanual coordination</li><li>• fingerspelling at normal rates</li></ul>

Fonte: HERMAN R. *et. al.* (org). Profiling SLI in Deaf Children who are Sign Language Users. QUINTO-POZOS D. *et.al.* Multilingual Aspects of Signed Language Communication and Disorders. 2014, p. 24.

Para contextualizar os possíveis desafios para usuários de língua de sinais que possuem a linguagem comprometida em algum nível, a tabela acima, retirada do livro “Multilingual Aspects of Signed Language Communication and Disorder” (QUINTO-POZOS *et. al.*, 2014), explica um pouco sobre como esses desafios podem ser encontrados. De acordo com a tabela, os problemas de **compreensão** podem envolver: dificuldade em realizar múltiplos morfemas simultaneamente; problemas com o tempo de soletração manual; dificuldade com frases longas ou sequência de itens discretos; e problemas com mudanças de perspectiva, afetando a compreensão do uso do espaço topográfico e gramatical. Sobre os problemas na

**produção**, o autor cita: dificuldade em planejar os fonemas para a produção e dificuldade em representar as diferenças entre o sinalizador (este como narrador ou como outro personagem). Além disso, as dificuldades com o controle motor podem acarretar adversidades quando necessária a realização de movimentos complexos e posturas desafiadoras (dependendo do déficit motor), e quando o indivíduo precisa realizar múltiplos movimentos coordenados que são cronometrados em relação uns aos outros.

Alguns dos exemplos acima, portanto, podem não estar relacionados com nenhuma outra causa aparente. Morgan *et. al.* (2007) reportou o caso de uma criança surda britânica, usuária da *British Sign Language* (BSL), em Português chamada Língua Britânica de Sinais, que acabou se encaixando nos critérios dos distúrbios específicos de linguagem. Apesar de ter pais surdos e de ser exposta à língua de sinais desde o nascimento, a criança apresentou habilidades deficitárias na BSL, com pontuação baixa para os testes que avaliavam a compreensão e produção da língua; as competências linguísticas estavam abaixo do esperado para sua idade, na época com 5 anos e 2 meses. O menino apresentou dificuldades principalmente em morfossintaxe, mesmo que sua pontuação em testes de inteligência não verbal fosse apropriada para sua idade. Cada vez mais estudos (MASON *et. al.*, 2010) estão trazendo informações de como crianças surdas usuárias das línguas de sinais podem se encaixar dentro dos critérios clínicos de DEL.

É possível também avaliar esses distúrbios em crianças que possuíram algum atraso na aquisição da linguagem (HERMAN *et. al.*, 2014), visto que esse parece ser o caso da maioria das crianças com surdez pré-linguística. Os autores sugerem que, nessas situações, sejam usadas medidas padronizadas para avaliar as habilidades não verbais e as habilidades motoras das crianças, bem como testes de proficiência em língua de sinais e outros testes de linguagem mais complexos. Além do mais, há evidências de distúrbios de línguas de sinais em crianças surdas que estão se desenvolvendo de uma maneira cognitiva “normal”, mostrando-nos que DEL não depende somente das questões de processamento auditivo, mas pode também estar relacionado ao controle das estruturas linguísticas - possivelmente além dos níveis fonológicos e lexicais (MORGAN *et. al.*, 2007).

Segundo uma pesquisa realizada com crianças ouvintes falantes do Português

brasileiro, o comprometimento da linguagem em crianças que possuem DEL geralmente ocorre a nível fonológico (97,3%), gramatical (78,9%) e semântico (76,3%), sendo evidenciados prejuízos na compreensão e na produção verbal (CRESTANI *et. al.*, 2013). Nas línguas de sinais, estudos norte-americanos (CHEEK *et. al.*, 2001) mencionaram que os erros de configuração de mão são os erros mais comuns nas primeiras produções de sinais de crianças surdas que tiveram exposição nativa à língua de sinais, enquanto o parâmetro de localização é considerado o parâmetro mais enraizado, contendo o menor número de erros de produção. Sendo assim, o nível fonológico também parece ser o mais afetado no que diz respeito à DEL em línguas de sinais. Informações como essas são importantes para que possamos reconhecer as características que compõem os distúrbios específicos de linguagem e, assim, facilitar o diagnóstico.

Assim como a aquisição da linguagem ocorre semelhantemente nas duas modalidades de língua, podemos afirmar, portanto, que os distúrbios específicos de linguagem não são restritos às línguas orais; saber como estes podem se manifestar em crianças surdas nos ajuda a pensar nas repercussões clínicas e possíveis intervenções profissionais. Artigos mais recentes como os de Manson *et. al.* (2010) já apresentaram análises de crianças surdas, de 5 a 14 anos, que aparentemente possuem distúrbios de línguas de sinais caracterizados com DEL. DEL em línguas sinalizadas podem ser muito semelhantes à DEL em línguas orais em alguns aspectos específicos: crianças surdas com DEL apresentam dificuldade de compreensão e produção de estruturas gramaticais e de produção de narrativas, apesar de não haver grandes dificuldades em produzir sinais individuais ou aprender novos sinais - padrão também observado em crianças ouvintes com DEL (MARSHALL e MORGAN, 2016).

Marshall e Morgan (2016) levantam também três lacunas a respeito dos distúrbios específicos de linguagem em línguas de sinais: as poucas pesquisas na área contemplam apenas crianças, deixando em aberto as questões a respeito do que acontece quando elas crescem - se as dificuldades se tornam mais severas ou se elas acabam melhorando; a vasta maioria dos estudos a respeito de DEL em línguas de sinais são exclusivos da BSL, sendo necessário que outros países também pesquisem a respeito do tema para identificar se as características são as

mesmas em variadas línguas de sinais; e, por último, não se sabe ainda quais intervenções podem trazer um melhor aprendizado de língua de sinais para crianças com DEL: “Na realidade, precisamos de mais pesquisas sobre a variabilidade no ritmo de aprendizagem de línguas entre todos os falantes de línguas de sinais, incluindo aqueles cujo desenvolvimento da linguagem não está causando preocupação” (MARSHALL e MORGAN, 2016). Um diagnóstico tardio ou até mesmo a falta de diagnóstico e tratamento, nesses casos, pode gerar um desenvolvimento inadequado de linguagem e, com isso, grandes consequências: falhas no desenvolvimento acadêmico, profissional e possíveis limitações no desenvolvimento humano, a depender da gravidade do quadro (BARBOSA, 2016).

#### 1.4 REPERCUSSÕES CLÍNICAS

Como uma espécie de ponto de chegada, depois do percurso que a que este trabalho se dedicou, é importante ressaltar que, na clínica fonoaudiológica, os quadros que se apresentam podem ser muito diferentes entre si: desde variáveis que envolvem diferenças culturais e sócio-econômicas até os distintos tipos de comprometimento que repercutem no desenvolvimento da linguagem, há diversas possibilidades clínicas que podem ser encontradas no caminho. Por este motivo, a presente seção pretende abordar algumas dessas eventualidades que englobam as diferentes formas que as repercussões na linguagem, causadas pela surdez, podem apresentar. Não se pretende criar uma seção longa e exaustiva, principalmente porque não haveria como discutir “tudo”, e também porque, conforme esse trabalho aponta, ainda há muito a ser estudado, avaliado e escrito.

Uma pesquisa (GONÇALVES *et. al.*, 2018) realizada dentro de uma Clínica-Escola em uma universidade brasileira, relata as experiências de estudantes em estágio clínico de Fonoaudiologia que tinha como objetivo “capacitar os alunos no atendimento de crianças surdas e suas famílias, *propiciando conhecimentos sobre o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem oral e escrita, atuação com a leitura oro-facial e com as habilidades auditivas.*” (GONÇALVES *et. al.*, 2018, p. 2). Não sendo problemático o bastante, alguns estudantes relataram que “a gente não

vai conversar com a criança totalmente em LIBRAS, porque a gente não tem essa fluência” (GONÇALVES *et. al.*, 2018, p. 5) e que sentiram a necessidade de um aumento da carga horária da disciplina de LIBRAS durante a graduação de Fonoaudiologia, pois perceberam que não possuíam vocabulário suficiente. Além disso, muito é mencionado sobre o “luto” por parte dos familiares e das crianças em relação às possibilidades auditivas, colaborando para que a visão terapêutica da surdez como uma deficiência continue se propagando; enquanto, muitas vezes, o acesso irrestrito à língua de sinais para essas crianças é negado. Com esses exemplos, percebemos o quanto é necessário repensar e ressignificar a surdez e procurar por propostas terapêuticas que reconheçam o lugar do sujeito surdo em sua relação com a(s) língua(s).

Outro estudo de caso (MARIANI *et. al.*, 2016), também realizado em uma Clínica-Escola de Fonoaudiologia localizada no sul do Brasil, com estudantes de graduação do curso, relata o caso de um menino (N, acompanhado dos 6 aos 9 anos) com um histórico de tentativa de oralidade durante toda a sua vida. N estudou em diferentes escolas para surdos que focavam na comunicação oral, além do contato com a mãe, que também insistia na língua oral. Os estagiários de Fonoaudiologia relataram um evidente atraso no desenvolvimento da linguagem, com utilização de apenas alguns gestos caseiros, tentativas sem sucesso de vocalização e pouco contato visual. O menino utilizava implante coclear, todavia, segundo os autores, “percebia-se que ele apenas ouvia e localizava sons com uma intensidade alta, porém não os discriminava” (MARIANI *et al.*, 2016, p. 655). A recusa de ouvir e de realizar produções orais vinha do próprio menino. Os objetivos terapêuticos desse caso eram “apropriação da língua de sinais e da língua portuguesa em sua modalidade oral e escrita, além do desenvolvimento das habilidades auditivas” (MARIANI *et. al.*, 2016, p. 655). Porém, conforme os autores vão relatando no estudo longitudinal, o paciente teve poucos avanços no que diz respeito à oralidade e se demonstrava desconfortável quando lhe era sugerido que tentasse oralizar; por outro lado, quando o enfoque era na língua de sinais, começava a produzir enunciados em Libras e se descobriu através da sinalização.

A partir do estudo acima referenciado, destaca-se a importância de uma terapia fonoaudiológica em que a língua de sinais é utilizada e valorizada - contemplando assim os possíveis casos de crianças surdas com distúrbios específicos de

linguagem. Marshall e Morgan (2016), com a sua pesquisa, afirmam que professores de crianças surdas ou fonoaudiólogos que possuem experiência trabalhando com crianças surdas que utilizam línguas de sinais são bastante precisos na identificação de um desenvolvimento de língua de sinais atípico.

Alguns artigos (NICOLIELO *et al.*, 2014; GAHYVA *et. al.*, 2009) trazem diferentes abordagens e métodos para intervenção fonoaudiológica em crianças ouvintes com DEL. Desde condutas mais objetivas como organizar o sistema fonológico da criança visando a generalização e a melhor inteligibilidade de fala até abordagens psicolinguísticas que costumam criar intervenções individualizadas baseadas em análises de teorias psicológicas; as possibilidades são grandes e os profissionais que atuam na clínica infantil podem ser muito bem guiados através de pesquisas e estudos já produzidos no Brasil e fora dele. Infelizmente, conforme se pode constatar através desse estudo, as línguas de sinais ainda não são muito exploradas nas pesquisas a respeito dos distúrbios de linguagem, e, por conta disso, as propostas de intervenção clínica acabam ficando, não raras vezes, limitadas.

Herman *et. al.* (2014) citam algumas implicações clínicas e recomendações para profissionais que trabalham com crianças surdas, como a importância de ter ciência da proporção de crianças surdas que podem apresentar DEL, a realização de avaliações de linguagem e a necessidade de haver mais centros especializados que estejam preparados para receber essas crianças. Para profissionais que pretendem diagnosticar crianças surdas com DEL, podem ser coletadas algumas informações com intuito de auxiliar no processo, como: grau de perda auditiva, uso de aparelhos auditivos ou implantes cocleares, idade em que foi exposta à língua de sinais, meios de comunicação utilizados (língua de sinais, língua oral, etc), exposição a usuários de língua de sinais como primeira língua em casa ou na escola e histórico médico que pode descartar o diagnóstico (tal como déficits neurológicos) (HERMAN *et. al.*, 2014). No livro *Línguas de Sinais - instrumentos de avaliação* (QUADROS e CRUZ, 2011), há um capítulo que trata especificamente de técnicas de intervenção clínica e escolar no caso de dificuldades na aprendizagem de línguas de sinais para crianças com atraso na aquisição da Libras. Neste capítulo (trata-se do capítulo 3 da referida obra), são apresentadas algumas práticas interventivas de produção e compreensão em Libras a partir de imagens, jogos, vídeos e relatos narrativos. Enquanto umas focam no desenvolvimento do vocabulário, outras trabalham configurações de mão,

desenvolvem a sintaxe, ou possuem um carácter mais textual e dialógico.

Quinto-Pozos (2011) levanta um questionamento interessante ao perguntar “que tipos de estruturas linguísticas e padrões de desenvolvimento seriam exclusivos da língua de sinais e exigem seus próprios instrumentos, criados com base em estruturas das línguas de sinais e padrões de discurso comuns?”. Em outras palavras, ele destaca a importância do conhecimento da estrutura das línguas de sinais, suas especificidades, características fonológicas e seus padrões para que sejam desenvolvidas ferramentas específicas para a prática clínica na área. Barbosa (2016) levanta a importância de, em um primeiro momento, identificar e adaptar a forma de se comunicar com a pessoa surda a partir da modalidade utilizada por ela, e em seguida pensar em recursos e procedimentos para que a aquisição e o desenvolvimento da língua de sinais transcorram de forma satisfatória; essas são medidas essenciais para profissionais que escolhem trabalhar com crianças surdas.

Se profissionais fonoaudiólogos, que deveriam estar prontos para receber indivíduos com déficits na fala, não estiverem devidamente preparados para atender a comunidade surda, a quem eles irão recorrer? A linguagem exibe complexidades e dificuldades em qualquer modalidade e deve ser contemplada como um todo pelos profissionais que se responsabilizaram por ela. O distúrbio de linguagem em línguas de sinais, por ser uma disfunção de ordem linguística nos diversos níveis de processamento da linguagem, é uma questão a ser tratada de maneira multidisciplinar por profissionais da saúde qualificados para isso (BARBOSA, 2016). Sacks (2010, p. 19) afirmou que “(...) ser deficiente na linguagem, para um ser humano, é uma das calamidades mais terríveis, porque é apenas por meio da língua que entramos plenamente em nosso estado e cultura humanos, que nos comunicamos livremente com nossos semelhantes, adquirimos e compartilhamos informações.”

O fonoaudiólogo, profissional que no passado foi tido como aquele que prezava principalmente a comunicação oral, e que na maioria das vezes não valorizava a língua de sinais como deveria, é o mesmo profissional que possui o conhecimento teórico e prático para atuar nos casos de distúrbios de linguagem, sejam eles em línguas orais ou línguas de sinais (BARBOSA, 2016). Portanto, acrescento também uma reflexão que julgo muito importante: a de que fonoaudiólogos e outros

profissionais que se dispuserem a pesquisar e trabalhar com a população surda possam primeiramente se perguntar em como pensar a particularidade das noções de língua e de linguagem, em se tratando de sujeitos que utilizam língua de sinais e que apresentem DEL. Quando conduzimos pesquisas ou práticas clínicas com a população surda, é de extrema relevância e responsabilidade ética ter conhecimento das normas e dos valores da cultura surda, e estar confortável com o uso da língua de sinais (SINGLETON *et al.*, 2010).

Ao meu ver, é necessária uma visão mais singular sobre crianças surdas com distúrbios de linguagem, sejam eles específicos (como neste trabalho foi focado) ou não: qualquer criança por si só já carrega uma individualidade que deve ser levada em conta quando pensamos em “hipótese diagnóstica” ou outro termo que traga consigo uma espécie de generalização. Crianças surdas, principalmente aquelas que são filhas de pais surdos, carregam, além da individualidade natural, traços culturais que a definem como parte de uma cultura específica e estabelecida. “Os distúrbios de linguagem, mesmo quando associados a quadros orgânicos ou a limitações do meio social, trazem a marca da posição do sujeito na língua”. (VORCARO 1999, p. 122). Milano (2006, p. 85) traz uma reflexão sobre essa posição, um “lugar para o sujeito que enuncia”; a necessidade de deixarmos de lado o modelo médico do sintoma para que possamos, através da escuta e do olhar singular, pensar no “‘patológico’ não mais como oposição à normalidade, estado ‘puro’ em que se encontra um indivíduo sadio, mas como condição peculiar de um dado momento desse indivíduo” (MILANO, 2006, p. 89).

Este trabalho visou trazer informações sobre uma singularidade na aquisição da linguagem, a qual chamamos de *distúrbios específicos de linguagem*; porém, “o que é um sintoma, sem contexto, ou um pano de fundo? O que é uma complicação, separada daquilo que a complica?” (CANGUILHEM, 1978, p. 65). Ao olharmos para a surdez e para a linguagem com a visão social nos permitimos ir além do “problema”, pois, como afirmou Benveniste (1958/1988, p. 285), “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem”.

## CONCLUSÃO

A Fonoaudiologia é um campo amplo, e, como tudo que é amplo, está sujeita a algumas lacunas; lacunas essas que devem ser preenchidas assim que dadas por existentes. Este trabalho foi desenvolvido, principalmente, a partir de uma curiosidade e uma inquietude pessoal, ao levantar questionamentos a respeito dos distúrbios específicos de linguagem em línguas de sinais. A partir de um primeiro contato com a linha de pesquisa do pesquisador norte-americano David Quinto-Pozos, percebi que, durante todo meu percurso acadêmico, da graduação à pesquisa e extensão, esse assunto só havia sido abordado quando relacionado às línguas de modalidade auditivo-orais. No decorrer do processo, notei que, na literatura brasileira, poucos autores como Barbosa (2016) brevemente mencionam esses desvios específicos em línguas de sinais em estudos nacionais; ou seja, ainda não há nenhuma pesquisa no Brasil tratando diretamente do assunto.

Portanto, no transcorrer do percurso, utilizando-se principalmente de estudos do Reino Unido e dos Estados Unidos baseados na Língua de Sinais Britânica (BSL) e Língua de Sinais Americana (ASL), respectivamente, foi constatado que esses distúrbios existem em crianças surdas que utilizam língua de sinais como sua modalidade preferencial, e que a incidência é a mesma ou até mesmo maior do que na população ouvinte que utiliza a língua oral-auditiva (LEONARDO, 1998; MORGAN, 2005). O fato de que um dos critérios de exclusão do diagnóstico de DEL é a perda auditiva dificulta o processo de incluir crianças surdas nos espectros da pesquisa, porém, cada vez mais estudos estão trazendo informações de como essa população pode se encaixar dentro dos critérios clínicos de DEL.

Além disso, foi comprovado que DEL em línguas sinalizadas pode ser muito semelhantes à DEL em línguas orais, como o fato de as duas modalidades apresentarem indivíduos com dificuldade de compreensão e produção (MARSHALL e MORGAN, 2016), o que nos leva a afirmar, ainda mais concretamente, o estatuto das línguas de sinais como línguas.

Considero, portanto, a constatação da existência de DEL em língua de sinais uma descoberta muito importante, tanto acadêmica quanto clinicamente. A primeira, pois, como mencionado anteriormente, essa contribuição é rara no meio científico e essa área ainda é pouco explorada dentro da graduação de Fonoaudiologia. Mas é na clínica que julgo ser a contribuição mais rica: há uma necessidade impreterível de profissionais capacitados para avaliar, diagnosticar e intervir nos distúrbios de linguagem em crianças surdas. A importância de identificar esses distúrbios específicos de linguagem é ressaltada quando refletimos sobre a possibilidade de essas crianças estarem sendo diagnosticadas erroneamente por falta de conhecimento científico e clínico. Se conhecimento é poder, precisamos ter a certeza de que ele está sendo disseminado de uma maneira correta e justa.

Por fim, tenho em mim um grande sentimento de satisfação de contribuir com uma área que me deslumbra há muitos anos, porém ressalto a importância de seguir com o objeto de estudo. Autores estrangeiros (MARSHALL e MORGAN, 2016) já salientaram que este assunto ainda está muito restrito a países e línguas de sinais específicas, e precisa ser expandido para outros lugares do mundo, inclusive o Brasil. Quando preenchemos algumas lacunas, também abrimos a possibilidade de que outras sejam encontradas para posteriormente encontrarem suas respostas da mesma forma, fornecendo ferramentas para combater pensamentos conservadores sobre um tema que merece imediata revisão e renovação; porque, parafraseando o astrofísico norte-americano Neil deGrasse Tyson, “o lado bom da ciência é que é verdade, você acreditando ou não nela”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARESI, F. **Por uma problematização da distinção normal / patológico na linguagem : uma abordagem enunciativa**. Trabalho de conclusão de curso UFRGS, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/21632>. Acesso em: 6 abril 2021.

BARBOSA, F.V. A Clínica Fonoaudiológica Bilíngue e a Escola de Surdos na Identificação da Língua de Sinais Atípica. **Educ. Real.**, Porto Alegre , v. 41, n. 3, p. 731-754, set. 2016 . Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-62362016000300731&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362016000300731&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 21 de março de 2021.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1988.

BEFI-LOPES, D. M.; BENTO, A. C. P.; PERISSINOTO, J. Narração de histórias por crianças com distúrbio específico de linguagem. **Pró-Fono R. Atual. Cient.**, Barueri , v. 20, n. 2, p. 93-98, June 2008 . Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-56872008000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-56872008000200004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 19 outubro 2020.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

CHEEK, A., *et. al.* Prelinguistic gesture predicts mastery and error production of early signs. **Language**, v. 77, n. 2, p. 292–323. Austin, 2001. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3086776>. Acesso em: 07 dezembro 2020.

COMUNICAÇÃO, *In*: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos Ltda, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/comunica%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em 12 outubro 2020.

CRESTANI *et. al.* Distúrbio Específicos de Linguagem: a relevância do diagnóstico inicial. **Rev. CEFAC**, São Paulo, vol. 5, n.1, p. 228-237. Fevereiro 2013. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-18462013000100026](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462013000100026). Acesso em: 12 fevereiro 2021.

CRUZ, C. R. **Consciência fonológica na Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) em crianças e adolescentes surdos com início da aquisição da primeira língua (LIBRAS) precoce ou tardio**. UFRGS, 2016. 207 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/187757>. Acesso em: 08 setembro 2020.

FRYDRYICH, L. A. K. **O estatuto linguístico das Línguas de sinais: a Libras sob ótica Saussuriana**. UFRGS, 2013. 92 f. Dissertação (Mestrado em Teorias do Texto

e do Discurso) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/81382>. Acesso em: 08 outubro 2020.

GAHYVA, D. L. C.; HAGE, S. R. V. Intervenção fonológica em crianças com distúrbio específico de linguagem com base em um modelo psicolinguístico. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 152-160, Fevereiro 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-18462010000100021&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462010000100021&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 20 março 2021.

GOLDIN-MEADOW, S.; FELDMAN, H. M. The development of language-like communication without a language model. **Science**, 197, p.401-403, 1977. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/22276508\\_Development\\_of\\_language-like\\_communication\\_without\\_a\\_language\\_model](https://www.researchgate.net/publication/22276508_Development_of_language-like_communication_without_a_language_model). Acesso em: 05 outubro 2020.

GONÇALVES *et. al.* Percepção de alunos de graduação em fonoaudiologia sobre o atendimento fonoaudiológico na área da surdez. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 21, n. 1, e12718, 2019. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-18462019000100503&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462019000100503&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 13 março 2021.

HERMAN, R. *et. al.* (org). Profiling SLI in Deaf Children who are Sign Language Users. QUINTO-POZOS, D. *et.al.* **Multilingual Aspects of Signed Language Communication and Disorders**. Bristol/Bufalo/Toronto, 2014. p. 45-70.

HUMPHRIES *et. al.*, Avoiding linguistic neglect of deaf children. **Social Service Review**. Chicago, v. 90, n. 4, p. 589-619. December 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/311215976\\_Avoiding\\_Linguistic\\_Neglect\\_of\\_Deaf\\_Children](https://www.researchgate.net/publication/311215976_Avoiding_Linguistic_Neglect_of_Deaf_Children). Acesso em: 05 outubro 2020.

KARNOPP, L. B. **Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da língua de sinais brasileira: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras e Artes. PUCRS. Porto Alegre. 1994.

LEONARD, L. SLI Across Languages. **Children with Specific Language Impairment**. 2 ed. Cambridge: MIT PRESS, 1998. p. 95-150.

MARIANI, B. Z. P. *et. al.* O trabalho fonoaudiológico em uma clínica dialógica bilíngue: estudo de caso. **CoDAS**, São Paulo, v. 28, n. 5, p. 653-660, Outubro 2016. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2317-17822016000500653&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2317-17822016000500653&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 13 março 2021.

MARQUES, J. A.; MARTINS, M. C. M.; REZENDE, V. L. F. Os efeitos da aquisição tardia da L1 pelos surdos. II CONGRESSO NACIONAL DE LIBRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, 2017, Uberlândia. **Anais** [...] Uberlândia: CEPAE, 2017. Disponível em:

[http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/os\\_efeitos\\_da\\_aquisicao\\_tardia\\_da\\_l1\\_pelos\\_surdos1.pdf](http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/os_efeitos_da_aquisicao_tardia_da_l1_pelos_surdos1.pdf) . Acesso em: 20 março 2021.

MARSHALL, C.; MORGAN, G.; Specific Language Impairment in Deaf and Hard-of-Hearing Children Who Use a Signed Language. **Oxford University Press**. New York, April 2016. Disponível em: <http://www.raisingandeducatingdeafchildren.org/2016/04/01/specific-language-impairment-in-deaf-and-hard-of-hearing-children-who-use-a-signed-language/> Acesso em: 12 abril 2021.

MASON *et. al.* Identifying specific language impairment in deaf children acquiring British Sign Language: Implications for theory and practice. **British Journal of Developmental Psychology**. 28, p. 33-49. March 2010. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/42387652\\_Identifying\\_specific\\_language\\_impairment\\_in\\_deaf\\_children\\_acquiring\\_British\\_Sign\\_Language\\_Implications\\_for\\_theory\\_and\\_practice](https://www.researchgate.net/publication/42387652_Identifying_specific_language_impairment_in_deaf_children_acquiring_British_Sign_Language_Implications_for_theory_and_practice). Acesso em: 27 setembro 2020.

MCCABE, P. C.; MARSHALL, D. J. Measuring the Social Competence of Preschool Children With Specific Language Impairment. November 2006. **Topics in Early Childhood Special Education** 26(4):234-246. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/240731221\\_Measuring\\_the\\_Social\\_Competence\\_of\\_Preschool\\_Children\\_With\\_Specific\\_Language\\_Impairment](https://www.researchgate.net/publication/240731221_Measuring_the_Social_Competence_of_Preschool_Children_With_Specific_Language_Impairment). Acesso em 20 fevereiro 2021.

MENEZES, C. G. L.; TAKIUCHI, N.; BEFI-LOPES, D. M. Memória de curto-prazo visual em crianças com distúrbio específico de linguagem. **Pró-Fono R. Atual. Cient.**, Barueri , v. 19, n. 4, p. 363-369, December 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-56872007000400007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-56872007000400007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 19 outubro 2020.

MILANO, L. **Linguagem, sintoma e clínica em clínica de linguagem**. Tese de doutorado. UFRGS 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/7419>. Acesso em: 28 março 2021.

MITCHELL, R. E.; KARCHMER, M. A. When parents are deaf versus hard of hearing: patterns of sign use and school placement of deaf and hard-of-hearing children. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**., Cary, vol. 9 no. 2. p. 133-152, April 2004. Disponível em: <https://academic.oup.com/jdsde/article/9/2/133/492760>. Acesso em: 19 outubro 2020.

MORGAN, G. Biology and behaviour: insights from the acquisition of sign language. In A. Cutler (ed.), **Twenty-First Century Psycholinguistics: Four Cornerstones**. Mahwah, NJ, p. 191–208. 2005. Disponível em: <https://www.yumpu.com/en/document/read/26617868/biology-and-behaviour-insights-from-the-acquisition-of-sign-language>. Acesso em 28 março 2021.

MORGAN , G.; HERMAN, R.; WOLL, B. Language impairments in sign language: Breakthroughs and puzzles. **International Journal of Language & Communication Disorders**. Londres, p. 97-105. January 2007. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/6442396\\_Language\\_impairments\\_in\\_sign\\_language\\_Breakthroughs\\_and\\_puzzles](https://www.researchgate.net/publication/6442396_Language_impairments_in_sign_language_Breakthroughs_and_puzzles). Acesso em: 07 outubro 2020.

MORFORD, J. *et al.* A reexamination of “early exposure” and its implications for language acquisition by eye. MORFORD, J. *et al.* (org). **Language acquisition by eye**. Mahwah, Lawrence Erlbaum Associates, 2000, p.111-128.

NICOLIELO, A. *et al.* . Evolução do processo terapêutico fonoaudiológico no Distúrbio Específico de Linguagem (DEL): relato de caso. **Rev. CEFAC**, São Paulo , v. 16, n. 5, p. 1691-1699, Outubro 2014 . Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-18462014000501691&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462014000501691&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 20 março 2021.

VAN DER HULST, H.; VAN DER KOOJI, E. Phonetic and phonological distinctions in sign languages. **Holland Institute of Generative Linguistics**. Holland, January 1998. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/242769491\\_Phonetic\\_and\\_phonological\\_distinctions\\_in\\_sign\\_languages](https://www.researchgate.net/publication/242769491_Phonetic_and_phonological_distinctions_in_sign_languages). Acesso em: 09 dezembro 2020.

QUADROS, R. M. **As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no processo de aquisição**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do RS. Porto Alegre. 1995.

QUADROS, R. M. de. Aquisição da linguagem. In: **Educação de surdos: aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997. p. 68-105.

QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R.. **Língua de sinais - instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: ARTMED, 2011.

QUADROS, R.M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. Estudos lingüísticos das línguas de sinais e das Libras. In: QUADROS, R. M. (org). **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019. .

QUINTO-POZOS, D.; FORBER-PRATT, A. J.; SINGLETON, J. Do Developmental Communication Disorders Exist in the Signed Modality? Perspectives From Professionals. **Language, Speech and Hearing Services in School**. Vol. 42, n. 42, p. 423-443, October 2011. DOI: 10.1044/0161-1461(2011/10-0071). Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/260119578\\_Do\\_Developmental\\_Communication\\_Disorders\\_Exist\\_in\\_the\\_Signed\\_Modality\\_Reporting\\_on\\_the\\_Experiences\\_of\\_Language\\_Professionals\\_and\\_Educators\\_from\\_Schools\\_for\\_the\\_Deaf](https://www.researchgate.net/publication/260119578_Do_Developmental_Communication_Disorders_Exist_in_the_Signed_Modality_Reporting_on_the_Experiences_of_Language_Professionals_and_Educators_from_Schools_for_the_Deaf). Acesso em: 10 fevereiro 2021.

RAPIN, I.; ALLEN, D.A. The semantic-pragmatic déficit disorder: classification issues. **International Journal of Language & Communication Disorders**, v. 33, n. 1, p. 82, 1998. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/9673220/>. Acesso em: 08 novembro 2020.

SACKS, O. **Vendo Vozes - Uma Viagem ao Mundo dos Surdos**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 28. Ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZAROTTO-VOLCÃO, C. **Fonética e fonologia do português brasileiro**. 2 período, Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011. Disponível em:

[https://petletras.paginas.ufsc.br/files/2016/10/Livro-Texto\\_Fonetica\\_Fonologia\\_PB\\_UFSC.pdf](https://petletras.paginas.ufsc.br/files/2016/10/Livro-Texto_Fonetica_Fonologia_PB_UFSC.pdf). Acesso em: 12 fevereiro 2021.

SINGLETON, J. L., *et. al.* Ethics, Deaf-Friendly Research, and Good Practice When Studying Sign Languages. In: ORFANIDOU, E. *et. al.* (org). **Research Methods in Sign Language Studies: A Practical Guide**. Nova Jersey: Wiley, 2014.

STOKOE, W. C. 1960. **Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication System of the American Deaf**. Studies in Linguistics Occasional Papers, no. 8. Buffalo, NY: Department of Anthropology and Linguistics, University of Buffalo. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/347522725\\_Sign\\_Language\\_Articulators\\_on\\_Phonetic\\_Bearings](https://www.researchgate.net/publication/347522725_Sign_Language_Articulators_on_Phonetic_Bearings) Acesso em: 16 fevereiro 2021.

TOMASZEWSKI, P. Sign language development in young deaf children. **Psychology of Language and Communication**, v. 5. n.1, 2001. Disponível em: [http://www.plc.psychologia.pl/plc/plc/contents/fulltext/05-1\\_5.pdf](http://www.plc.psychologia.pl/plc/plc/contents/fulltext/05-1_5.pdf). Acesso em: 29 setembro 2020.

VORCARO, A. **A criança na psicanálise: clínica, instituição, laço social**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.